

Artigo:

Ensaio de algumas reflexões acerca da
história da sexualidade no Brasil

CHADDAD, F.R.



Flávio Roberto Chaddad

Mestre em Educação [Ensino Superior] pela PUC-
Campinas; Mestre em Educação Escolar pela
Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de
Araraquara (SP), frchaddad@gmail.com

Resumo

Este trabalho teve como objetivo construir um esboço reflexivo acerca da história da sexualidade no Brasil, que foi pré-requisito da disciplina “Discurso, Sexualidade em uma Sociedade Mdiatizada” cursada no primeiro semestre do ano de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara/SP). Adotou-se a pesquisa bibliográfica aonde foram utilizados como referências alguns textos disponibilizados pelos docentes do curso, bem como textos que fazem parte da experiência construída deste discente durante sua trajetória acadêmica. Em um primeiro momento, de forma sucinta, relacionou-se os textos entre si, fazendo alguns apontamentos dos mesmos. Em seguida, procurou um aprofundamento teórico em suas análises, tendo como fundamentação teórica o conceito de “Saber” e “Poder” inscritos em fragmentos do texto História dos Sistemas de Pensamento de Michel Foucault, que nada mais é que um resumo dos cursos dados por Foucault no Collège de France, entre os anos de 1970 - 74. Como conclusão, pode-se afirmar que o ser humano nunca foi de fato livre, pois razão e liberdade sempre foram produzidas e falseadas. O que se procurou mostrar, em todo texto, ainda em esboço, é que a educação e a educação sexual sempre estiveram condicionadas ao sistema, a um Saber e a um Poder que se fundamentam em práticas discursivas que percorrem todos os espaços e meandros da existência humana. Neste sentido, não condizem com a realização do ser humano. O que podemos apenas afirmar é que oscilam de tempos em tempos conforme o interesse do mercado internacional.

Palavras-Chave: Sexualidade. Discurso. Foucault. Saber. Poder.

Cadernos de InterPesquisas

Educare et Sabere, Curitiba, Brasil

e-ISSN: 2965-3134

Periodicidade: Fluxo Contínuo

v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/cadips>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons 4.0 Internacional
Copyright (c) do(s) Autor(es)

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

Este trabalho teve por objetivo construir um ensaio argumentativo sobre a História da Sexualidade no Brasil, através de alguns textos utilizados nas aulas da disciplina: *discurso, sexualidade em uma sociedade midiaticizada*, cursada por este discente como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP/Araraquara/SP. Assim, em um primeiro momento, de forma sucinta, buscou-se relacionar os textos entre si, fazendo alguns apontamentos dos mesmos. Em seguida, procurou um aprofundamento teórico em suas análises, tendo como fundamentação teórica os conceitos de Saber¹ e Poder² que fundamentam as práticas discursivas, os dizeres, inscritos em fragmentos do texto *História dos Sistemas de Pensamento* de Michel Foucault (2011), que nada mais é que um resumo dos cursos dados por este filósofo no Collège de France entre os anos de 1970 - 74.

Michel Foucault (2011), nestes fragmentos e, tendo como base textos nietzschianos³, entre outros pensadores, analisa que a verdade sempre foi

1 Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; (...) um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; (...) finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT apud BORDIN, p.227, 2014).

2 Michel Foucault não se preocupou em elucidar conceitos de poder, mas sim em trazer suas formas para as relações para melhor compreensão da vida em sociedade. Para ele, o poder não está apenas no Príncipe, tampouco apenas no Estado, mas sim nas pequenas e múltiplas relações na sociedade. Ou seja, ele é poliformico, participa da vida dos seres humanos como um rizoma. Não tem um local próprio de onde ele emana, ele é transversal, percorre a sociedade por todos os lados (BORDIN, p.233, 2014).

3 Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, Reino da Prússia, 15 de outubro de 1844 - Weimar, Império Alemão, 25 de agosto de 1900) foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo. Suas ideias-chave incluíam a crítica à dicotomia apolíneo/dionisíaca, o perspectivismo, a vontade de poder, a morte de Deus, o *Übermensch* e eterno retorno. Sua filosofia central é a ideia de "afirmação da vida", que envolve questionamento de qualquer doutrina que drene uma expansiva de energias, não importando o quão socialmente predominantes essas ideias poderiam ser. Seu questionamento radical do valor e da objetividade da verdade tem sido o foco de extenso comentário e sua influência continua a ser substancial, especialmente na tradição filosófica conti-

interesseira, que sempre esteve à serviço de alguém ou de grupos de pessoas. Isto porque o interesse sempre se antecipou ao conhecimento e gerou mecanismos de falsificação da realidade, fazendo da existência um simulacro, produtora de mecanismos de escolhas e de exclusão. Portanto, como afirmava Paulo Freire: *A educação é um ato político!* Isto porque ela está à mercê dos interesses. Agregado a esta imposição da **Verdade** se articula um **Poder** que se autoproduzem em um processo contínuo e inacabado, dependentes, sobretudo, de quem detém o poder econômico (infraestrutura). Como já desvelado por Karl Marx a infraestrutura produz a superestrutura - uma constelação ideológica - que dita o como deve ser das coisas, ou seja, o como o ser humano deve pensar, agir e quais os valores devem permear a sua ação. Para Louis Althusser⁴ esta superestrutura, esta constelação ideológica⁵, denominava-se de: Aparelhos Ideológicos do Estado

mental compreendendo existencialismo, pós-modernismo e pós-estruturalismo. Suas ideias de superação individual e transcendência além da estrutura e contexto tiveram um impacto profundo sobre pensadores do final do século XIX e início do século XX, que usaram estes conceitos como pontos de partida para o desenvolvimento de suas filosofias. Mais recentemente, as reflexões de Nietzsche foram recebidas em várias abordagens filosóficas que se movem além do humanismo, por exemplo, o transumanismo (WIKIPÉDIA, 2023).

4 Segundo Saviani (p.21-22, 2005): Ao analisar a reprodução das forças produtivas e das relações de produção existentes. Althusser é levado a distinguir no Estado os Aparelhos Repressivos de Estado (o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que ele enumera provisoriamente da seguinte forma: o AIE religioso; o AIE escolar; o AIE familiar; o AIE jurídico; o AIE político; o AIE sindical; o AIE da informação; o AIE cultural. A diferença entre ambos é que o Aparelho Repressivo de Estado funciona massivamente pela violência e secundariamente pela ideologia enquanto, inversamente, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam massivamente pela Ideologia e secundariamente pela repressão. O conceito de Aparelho Ideológico de Estado deriva da tese segundo a qual a “ideologia tem uma existência material”. Isso significa dizer que a Ideologia existe sempre radicada em práticas materiais regulados por rituais materiais definidos por instituições materiais [...] O Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado Dominante: é o Aparelho Ideológico Escolar.

5 Ideologia é um termo que possui diferentes significados e duas concepções: a neutra e a crítica. No senso comum o termo ideologia é sinônimo ao termo ideário, contendo o sentido neutro de conjunto de ideias, de pensamentos, de doutrinas ou de visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas. Para autores que utilizam o termo sob uma concepção crítica, *ideologia* pode ser considerado um instrumento de dominação que age por meio de convencimento (persuasão ou dissuasão, mas não por meio da força física) de forma prescritiva, alienando a consciência humana (WIPÉDIA, 2023).

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

(AIE). Os textos em si se articulam no tempo e espaço, afirmando a relação histórica entre “pensar a educação brasileira” e “a questão da sexualidade”. Em todos os textos, não deixamos de notar a velha luta, que se tornou clássica desde a época pré-socrática, entre Parmênides de Eléia⁶ e Heráclito de Éfeso⁷, entre determinismo e indeterminismo, entre o Ser que é, que subjaz por trás das aparências - onde tudo pode ser dito e pensado - e o devir, o movimento incessante, em que nada pode ser dito e pensado, em suma, entre *permanência e mudança*. Mas, será que isso se aplica em relação à visão de homem construída durante todo processo histórico brasileiro e de como este - homem - se relaciona consigo mesmo, com o outro, com o seu meio e, sobretudo, com a sua sexualidade que é objeto deste trabalho?

Assim, notou-se que ao ler os textos “História da educação escolar no Brasil: Notas para uma reflexão” e “Os momentos históricos da educação sexual no Brasil” que esta questão é muito delicada, que tem suas considerações ao final. Se por um lado nos textos temos delineada toda uma economia libidinal, principalmente, após os séculos XIX e XX - época de ascensão de uma classe revolucionária e reacionária: a burguesia⁸ no mundo e no Brasil. Por outro, o século que estava lá, guardado a sete chaves na vida

6 Viveu entre 530-460 A.C. Parmênides nasceu em Eléia, hoje Vélia, na Itália. Foi discípulo do pitagórico Aminias e mostra conhecer a doutrina pitagórica. Provavelmente também seguiu as lições do velho Xenófanes. Em Atenas, como Zenão, combate a filosofia dos jônicos. Floresceu por volta de 500 A.C. - escreveu um poema filosófico, em versos: Sobre a Natureza. Esta obra compreende um preâmbulo e duas partes. Na primeira trata da verdade; na segunda, da opinião. Conservam-se numerosos fragmentos da primeira parte e alguns da segunda. - A atitude polêmica de Parmênides levanta-se tanto contra o dualismo pitagórico (ser e não ser, cheio e vazio) como, segundo alguns interpretes contra o mobilismo de Heraclito (Pré-Socráticos, 1996).

7 Viveu entre 540-470 A.C. Nasceu em Éfeso, cidade da Jônia, de família que ainda conservava prerrogativas reais (descendentes do fundador da cidade). Seu caráter altivo, misantrópico e melancólico ficou proverbial em toda a Antiguidade. Desprezava a Plebe. Recusou-se sempre a intervir na Política. Manifestou desprezo pelos antigos poetas, contra os filósofos de seu tempo e até contra a religião. Sem ter tido mestre, Heráclito escreveu o livro Sobre a Natureza, em prosa, no dialeto jônico, mas de forma tão concisa que recebeu o cognome de Skoteinós, o Obscuro. Floresceu em 504-500 A.C. - Heráclito é por muitos considerado o mais eminente pensador pré-socrático, por formular com vigor o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e multiplicidade das coisas particulares e transitórias. Estabeleceu a existência de uma lei universal e fixa (o Lógos), regedora de todos os acontecimentos particulares e fundamento da harmonia universal, harmonia feita de tensões, “como a do arco e da lira” (Pré-Socráticos, 1996).

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

cotidiana patriarcal, que veio a se constituir a partir da economia escravocrata, passa a ser colocado em discurso, passa a ser falado e a ser dito. Sai do porão da casa grande e se expande para toda a sociedade – aqui se tem uma nova visão da sexualidade, produzida, principalmente, pelos novos tempos, a ascensão da burguesia comercial e industrial. É um momento de embate entre a burguesia que se constituía e a sociedade agrária, patriarcal, que começa a perder poder político e econômico diante das transformações que ocorrem no mundo e no país. Coincide no Brasil com a emergência de novas transformações econômicas, sociais, políticas, estéticas e, sobretudo, na educação tem-se uma nova corrente de pensadores que começam a fundamentar os pilares de outra educação para o país. Estes educadores eram chamados de “Os Pioneiros da Educação” ou simplesmente Escolanovistas. Porém, o mais importante, eles não questionavam o sistema produtivo, o capitalismo e suas formas de apropriação de riqueza. Pretendiam uma pedagogia neutra, com foco no aluno, menos contextualizada com as lutas por melhores condições de vida. Daí porque Saviani (2005), em seu texto *Escola e Democracia* caracteriza esta teoria pedagógica como tradicional. Este momento de transformações também tem reflexos no pensamento sobre a sexualidade que se pratica no país. Assim, o discurso da sexualidade irrompe do cotidiano patriarcal e passa a ser dito e falado pelos canais de comunicação de todo o país – principalmente pelo rádio, mas nunca pensado. Desta forma, nas primeiras décadas do século XX o sexo passa a ser falado, dito, mas sempre com ressalvas, como Foucault (2012) afirma em seu texto *História da Sexualidade II – A vontade de saber*,

8 Desde seu início ainda na baixa idade média, a burguesia caracterizou-se por ser uma classe revolucionária, ou seja, lutou de início contra o poder centralizador da Igreja e, logo depois, contra o absolutismo monárquico. Quando obteve o poder político e econômico em suas mãos tornou-se uma classe reacionária, legou ao restante dos homens a Caverna. Ou seja, uma visão de mundo, de homem, de método de ação e de valores de cunho metafísico, tão bem formulado, que os fazem não questionar a sua situação existencial de prisioneiros acorrentados no fundo da Caverna (Em analogia a alegoria platônica). Se por acaso, um de seus membros buscam a luz e conseguem sair da realidade aparente e partir em direção ao concreto pensado, em um movimento dialético, os outros irão silenciá-lo, talvez matá-lo, de tão bem-posto o seu poder sobre os demais.

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

sobretudo, escamoteado, escondido, pois como uma forma de liberdade humana - como vida se autoproduzindo como arte - ele é perigoso.

Ele passa a ser trazido ao público e, ao mesmo tempo, passa por uma assepsia, uma higienização, se transforma em uma política de Estado, uma Biopolítica⁹, cuja finalidade é apenas a reprodução, não o prazer em si. O que foge a este escopo - a esta prática discursiva posta - é patológico, monstruoso: há, portanto, a distinção entre o que é sadio e o que é patológico. Aliás, o prazer sempre foi visto de forma suspeita, a vida nunca se estabeleceu ou se fundamentou sobre os pilares do prazer, de forma alguma representou um “estar humano” que se definiria como o “eterno retorno” de um jogo erótico. Pelo contrário, a irracionalidade e a brutalidade do sistema produzem cada vez mais situações em que o homem e as demais criaturas que compõem o planeta são apenas os meios para fins irracionais - a razão emancipatória iluminista é velada, escondida, eclipsada. Estabelece-se, portanto, o apogeu da razão instrumental. Desta maneira, nunca o sexo é tão dito em toda a história brasileira e nunca ele é tão escamoteado - escondido. A objetividade é negada. É o apogeu da verdade positivista, unidimensional. De um Saber que se relaciona diretamente com um Poder - que se autoproduzem - e que, desde há tempos remotos fundamentam as **práticas discursivas**, que são inscritas nos sistemas de pensamentos.

Assim, é neste ponto que busco fundamentar estes textos no conceito de Saber de Foucault (2011). Segundo o autor, as práticas discursivas se caracterizam pelo “*Recorte de um campo de objetos, pela definição de uma*

9 Em termos gerais, Biopolítica é o conjunto de cálculos e táticas que intervêm em uma população através do gerenciamento da vida. É um conceito que nos deu uma maneira de entender como a organização e o governo de nossas sociedades foram gerados para promover alguns modos de vida, e não outros; especialmente desde o fim do regime de soberania [...] Assim, Foucault nos diz que o poder das tecnologias liberais do governo ocorre através da operação inversa à do regime de soberania: “faça viver, deixe morrer”; questão que se manifesta através da gestão da vida como forma de governar e organizar populações. Foucault chamou isso de Biopoder, até mesmo batizando essa era como a era do biopoder. (Biopolítica: o que é e como Michel Foucault o explicou? - Maestrovirtuale.com Acesso em: [21/01/2023].

perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração dos conceitos e das teorias. Cada uma delas supõe, portanto, um jogo de prescrições que regem exclusões e escolhas” (FOUCAULT, 2011, p.8). De uma forma geral, o que se observa nos textos disponibilizados na aula sobre a educação e a sexualidade é que as práticas discursivas se situam no espaço e tempo e “ditam e afirmam” o que pode ser pensado e feito. Aqui se percebe, de antemão, a ligação entre conhecimento e interesse presente na filosofia de Nietzsche, como se verá mais à frente. O que importa é manter o sexo dentro dos limites dados pelo Estado: ***o falar é sobre e não do sexo***. Ele passa a ser relacionado conforme as práticas discursivas a toda uma política de interdição, cria-se, portanto, uma economia libidinal sobre o que pode ser pensado, dito e realizado. O que é normal e o que é o patológico. Estas práticas discursivas que fundamentam um Saber e um Poder. Elas não são puras e simplesmente modos de fabricação de discursos para Foucault (2011, p.8):

Elas tomam corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm (FOUCAULT, 2011, p.8).

Portanto, elas perpassam toda a sociedade e sofrem modificações; estão ligadas a todo um aparato técnico, nas instituições - como as escolas, por exemplo - que as mantêm e as impõem. As suas transformações podem ocorrer de três formas, conforme Michel Foucault (2011, p.9): 1) *fora delas* (nas formas de produção, nas relações sociais, nas instituições políticas); 2) *nelas* (nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos, na acumulação da informação); 3) *ao lado delas* (em outras práticas discursivas). Conforme os textos trabalhados em aulas, vê-se construir esta Vontade de Saber e de Poder, que fundamenta as práticas discursivas e todas as suas transformações e construções relacionadas aos

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

diferentes períodos da história brasileira. É necessário salientar que o Poder é polimórfico e anônimo, ele percorre toda a sociedade como um rizoma. Não tem uma direção, ou seja, não segue uma hierarquia, apenas se exerce e relaciona diretamente a Vontade de Saber, que se produz através e por meio das práticas discursivas. Assim, conforme Foucault (2011), as práticas discursivas estão inscritas em um conjunto de funções precisas em relação àquilo que as determina, produzindo escolhas e exclusões. Estes princípios de escolhas e exclusões, que toma corpo nas práticas discursivas, não se ligam a um sujeito histórico e transcendental que as funda, mas a uma Vontade de Saber - sempre anônima e polimorfa. Ela está sempre suscetível às transformações regulares (FOUCAULT *apud* CHADDAD, 2023).

Assim, este Saber se relaciona, sobretudo ao Poder - e vice-versa - que se auto alimentam através das práticas discursivas e de suas transformações. Conforme Foucault *apud* Chaddad (2023), a história da filosofia fornece modelos teóricos dessa Vontade de Saber cuja análise permite demarcar o terreno por onde ela se constitui. Desta forma ela busca analisar dois modelos teóricos, diametralmente opostos, que se construíram e constituíram filosófica e historicamente em nível mundial e que explicam esta relação entre a Vontade de Saber e a Vontade de Poder e nos permite uma análise mais aprofundada da aula e dos textos que nos foram disponibilizados. O primeiro modelo que ela faz menção é o aristotélico. O modelo Aristotélico se baseia no desejo de conhecer que supõe e transpõem a relação prévia do conhecimento, da verdade e do prazer. Desta forma, conforme Foucault (2011, p.12): por este viés, a percepção visual, como sensação à distância de objetos múltiplos, dados simultaneamente, e que não estão em relação imediata com a utilidade do corpo, manifesta, na satisfação que ela comporta em si, o elo entre conhecimento, prazer e verdade. Por sua vez, Foucault *apud* Chaddad (2023) irá analisar o que Nietzsche afirma do conhecimento. Nas palavras de Foucault (2011, p.13) “*para Nietzsche o interesse é colocado radicalmente antes do conhecimento, que ele subordina*

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

como simples instrumento”. O conhecimento dissociado do prazer e da felicidade se liga à luta, ao ódio e a maldade, os quais se exercem contra a si mesmos a ponto de renunciar a si mesmos por um suplemento de luta, de ódio e de maldade; seu elo originário com a verdade é desfeito já que a verdade em si não é mais que um efeito – o efeito de uma falsificação que se chama a oposição entre o verdadeiro e o falso. Nietzsche em seu texto *Para Além do Bem e do Mal* afirma que o que governa os filósofos são as forças cósmicas que atuam sobre eles, ou seja, seus instintos. Aqui se tem uma definição de conhecimento que é totalmente oposta ou avessa à da antiguidade, mas não deixa de encontrar respaldo na realidade. Assim, o conhecimento que é levado aos homens comuns por aqueles que detém o poder econômico e político é tratado sempre pela ótica da metafísica, como se ele fosse algo neutro e muitas vezes inquestionável, o que não é – ele, sob a égide da política e da economia, representa, seu oposto – a dominação. Desta forma, o que vemos nestes textos lidos, então, a não ser esta desvinculação entre o conhecimento, o prazer e a felicidade em todo o processo histórico posto?

Por mais que se tenha praticado a tensão primordial entre Parmênides e Heráclito, entre permanência e transformação - em alguns momentos deste período da história brasileira - o conhecimento nunca esteve desvinculado do interesse instrumental. Não se praticou um conhecimento que tem em vista a felicidade, apenas a operation, conforme Adorno e Horkheimer (1999) apontam em seu texto *O conceito do Iluminismo*: “ Em quase todos os momentos ele serviu a um Saber e a um Poder que fundamentaram práticas discursivas autoritárias e tendenciosas, que se construíram e se reconstruíram durante séculos, sem um ponto de partida, ou seja, anônimas e polimórficas. Mesmo existindo alguns lapsos de liberdade e de realização do ser humano, da reafirmação da vida como arte, do viver como eterno retorno e da manifestação da coisa em si através da estética, questões ontológicas, antropológicas, epistemológicas e axiológicas propostas por

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>

filósofos como Nietzsche, Heidegger e Marcuse nunca vieram a fundamentar a existência do ser humano no mundo e no território brasileiro.

Voltando agora a questão inicial, que motivou a elaboração deste ensaio: *Mas, será que isso se aplica em relação à visão de homem construída durante todo processo histórico brasileiro e de como este - homem - se relaciona consigo mesmo, com o outro, com o seu meio e, sobretudo, com a sua sexualidade que é objeto deste trabalho?* Como se observou, neste pequeno esboço, pode-se afirmar que este histórico traz em se bojo estas questões primevas e cruciais. As transformações econômicas, políticas e sociais que houveram apenas continuaram a reafirmar o posto. Falar do hoje e do ontem, realizar comparações entre períodos históricos inscritos nos textos e no cenário atual brasileiro, em se tratando de temas como a educação e da educação sexual - orientação sexual - como foi uma das propostas deste trabalho, em termos de conquistas sociais e de liberdades individuais e coletivas, em termos de se proporcionar a realização do ser humano no Planeta, não tem e não faz sentido. Isso não encontra respaldo na vida política, social e econômica brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano nunca foi de fato livre ¹⁰, pois razão e liberdade sempre foram produzidas e falseadas. O que procurei mostrar, em todo texto, que a educação e a educação sexual sempre estiveram condicionadas ao sistema, submetidas a um Saber e a um Poder que fundamentam as práticas discursivas que percorrem todos os espaços e meandros da existência humana. Neste sentido, não condizem com a realização do ser humano. O que podemos apenas afirmar é que oscilam de tempos em tempos conforme o interesse do mercado internacional.

10 Liberdade, em meu ponto de vista, pode ser definida como uma práxis fundamentada em uma tensão entre o eu e o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **O conceito de Iluminismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Os pensadores).
- CHADDAD, FR. Alguns apontamentos sobre as sanções penais pela história. In: ZOGAHIB, ALN; MARQUES, DJC; SANTOS, AL; CAVALCANTE, FC; SILVA, RGB (Org). **Segurança pública, cidadania e direitos humanos: pesquisas, relatos e reflexões**. 1ed. Ponta Grossa: AYA Editora, 2023.
- FOUCAULT, M. **A história dos sistemas de pensamento**. Almada: Centelha Viva, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II - vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2011.
- NIETZSCHE, F. **A origem da tragédia**. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARÇAL- RIBEIRO, PR. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paideia**. FFCLRP-USP. Ribeirão Preto, 4, Fev/Jul, 1993.
- MARÇAL - RIBEIRO, PR. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. MARÇAL - RIBEIRO (Org). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2004.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas; Autores e associados, 2012.

CHADDAD, F.R.. Ensaio de algumas reflexões acerca da história da sexualidade no Brasil. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.2, p.173-183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10802693>